

editorial

Outras coisas



> António Fidalgo

Outras coisas que não o défice do orçamento de Estado, o corte das regalias sociais e os atentados aos direitos adquiridos, as reformas dos professores e dos outros funcionários públicos, as reformas adiadas e o fim dos privilégios dos políticos. De há uns tempos para cá parece que Portugal se encolheu às contas de Estado, aos impostos e à contenção da despesa pública. Não se fala de outra coisa, pelos menos nos órgãos de comunicação social, não se pensa noutra coisa e há até quem se interroge sobre a viabilidade de Portugal. Caso efectivamente para dizer: que catastrofistas!

Falemos de outras coisas, que as há, muito mais importantes, exactamente, muito mais importantes. A saúde, a amizade, a felicidade, a dor, o sofrimento, a doença, a morte, a alegria, a festa, o amor, a religião, a fé, a crença e a descrença na imortalidade, a esperança, o carinho, nada têm a ver com as contas do Estado. Falemos da vontade de saber, do prazer de ouvir uma boa música, de ler um bom livro, de saborear umas boas cerejas, de encher os pulmões do ar matinal quando o sol se levanta, de sentir na pele a brisa da tarde de um dia de Verão, de contemplar o nascer de uma lua bem cheia. Falemos dos afectos, da tristeza e da alegria de um amigo, da felicidade e da infelicidade do amante e da amada, da solidariedade e da fidelidade de um companheiro ou de um colega de trabalho. E nada disto, do que verdadeiramente conta, depende das contas curtas do Estado.

Com défice ou sem défice de Estado a vida continua, como continua haja frio ou calor, morra este ou aquele, seja Portugal mais rico ou mais pobre. É isto desconversar? Certamente que não. Das pessoas consideradas imprescindíveis e insubstituíveis se diz que delas estão os cemitérios cheios. Regista-se o óbvio, a transitoriedade da vida humana. A morte tanto ceifa o rei como o escravo, levando um e outro à terra e convertendo-os no mesmo pó. Da mesma maneira o fluxo inexorável da vida levará consigo as coisas que hoje ocupam todo o espaço mediático, atirando-as para o olvido ou para as notas de roda pé dos futuros compêndios de história. Os temas ou a agenda das médias mudam sucessivamente, às vezes acompanhando as preocupações reais das pessoas, outras vezes nem tanto, como as modas que se sucedem. É falando das outras coisas, das que de tão básicas nem nos damos conta delas, que damos conta da pequena dimensão daquelas de que falamos no dia a dia. Não deixaremos certamente de falar destas, nem poderemos deixar de fazer, mas fá-lo-emos de outra maneira, isto é, numa escala bem mais pequena. É que a nossa dimensão é também a dimensão daquilo de que falamos e daquilo com que nos preocupamos.

Na universidade preocupamo-nos com a falta de candidatos ao ensino superior, com os cursos que não têm alunos, com as verbas insuficientes que vêm do orçamento de Estado, com a redução de verbas para funcionamento. E é bom que nos preocupemos. Mas desde que na devida conta. Existem outras coisas que não devem passar despercebidas e muito menos cultivadas. As horas de estudo, ora embrenhados na leitura de um livro ou de um artigo, ora escrevendo, riscando, reescrevendo, cortando, lutando com a propriedade de palavra ou a construção e elegância de uma frase, com a sequência lógica e sintáctica de um parágrafo. As aulas bem preparadas, vividas com intensidade, concentrados nos alunos e na aprendizagem, na averiguação do que sabem até ali, do colmatar lacunas essenciais e depois avançar com a nova matéria, fazendo-o de modo claro, acessível, repetindo e explicando as vezes necessárias, verificar se o que se está a ensinar faz sentidos para os alunos, se estão a apreender o que se lhes ensina. As conversas com os colegas, uma boa discussão ao almoço ou numa ida ao bar, a troca de ideias e o confronto de razões, os temas de investigação que os ocupam, as indicações surpreendentes de bibliografia, os métodos encetados, os projectos na forja e em curso. Que riqueza, santo Deus, mesmo ali ao lado, de outras coisas que não são as das contas curtas de orçamentos.

No fundo, lá no fundo, é o sentido de tudo isto, do que fazemos, onde consumimos os dias, do que não fazemos, do que falamos e do que não falamos, dos actos e das omissões, que está em causa. E a moral da história, como nos contos antigos, é a de que, ainda estando nestas coisas, haja a disponibilidade e a vontade para pensar e falar as outras coisas.

Encontro Ibérico de Electroquímica

O Departamento de Química da UBI acolhe, entre os dias 6 e 9 de Julho, o VIII Encontro Ibérico de Electroquímica e XIII Encontro da Sociedade Portuguesa de Electroquímica. A iniciativa, que irá reunir investigadores de várias nacionalidades, terá várias lições plenárias e comunicações seguidas de discussão. O evento será também uma forma de homenagear João Cabral, professor de química da Universidade do Porto, falecido em 2003. O docente foi um dos fundadores da Sociedade Portuguesa de Electroquímica e seu presidente durante vários anos.

Estrutura de Soluções e Meios Condutores Iónicos, Electroanálise, Processos de Interface e Cinética Electroquímica, Corrosão, Electrodeposição e Tratamento de Superfícies e Bioelectroquímica serão alguns dos temas em foco no encontro.

A sessão de abertura está marcada para quarta-feira, 6 de Julho às 10h30. As várias sessões plenárias e comunicações terão lugar no anfiteatro 8.1 e na Sala dos Conselhos. O programa e outras informações sobre o evento estão on-line no site: <http://www.electro2005.ubi.pt/index.html>.

Palestra de arquitectura

Muitas vezes não se pensa na importância de um edifício, concebido de uma determinada maneira, para um lugar específico. Na maior parte dos casos, técnicos, construtores e proprietários "tendem a minimizar o papel do arquitecto e as suas ideias num projecto final". Quem o diz é Bak Gordon, um dos mais conceituados arquitectos contemporâneos. Licenciado pela Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa em 1990, dirige actualmente um gabinete de arquitectura em Lisboa. Vencedor do projecto de construção da Embaixada de Portugal em Brasília – Brasil, detém ainda outros prémios por trabalhos realizados na área dos parques naturais e edifícios públicos.

Gordon começou por dizer aos cerca de 20 alunos que assistiam à conferência que "muitas vezes, o que se aprende durante uma licenciatura não vai ser aplicado na prática, de forma tão rígida". Isto porque "a arquitectura é, sobretudo, uma forma de criatividade e expressão pessoal".

Ainda assim, este profissional alerta para o facto de hoje "não se pensar na importância dos edifícios". É pois, "dever do arquitecto, enquanto pólo aglutinador das interpretações do proprietário, do engenheiro e do paisagista, idealizar um projecto com utilidade e significado". Para Gordon, cada edifício desempenha um determinado papel e carrega uma determinada importância e significado. Segundo o mesmo "não faz sentido colocar edifícios citadinos no centro de uma aldeia deserta, ou colocar um edifício habitacional num bairro de serviços".

Pensar as cidades "mas pensá-las à escala e à importância que cada elemento deve ter" é a solução para um problema grave que se verifica em Portugal. A falta de planos estratégicos de desenvolvimento das cidades "é o principal ponto negro" no crescimento "mal feito" dos centros urbanos lusos. Gordon acabou por dizer que "cabe aos actuais e futuros profissionais desta área tentar corrigir o que está feito" e não cair nos mesmos erros do passado.

"Dirigir" na UBI

A discussão em torno de questões actuais é um dos objectivos da revista "Dirigir". Esta publicação, da responsabilidade do Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP) está especializada na área da Gestão. Segundo os promotores a "Dirigir" constitui um "instrumento de actualização e aperfeiçoamento de chefias intermédias, quadros e empresários de micro e pequenas empresas". Foi neste sentido que esta "ferramenta" se veio apresentar à UBI.

O anfiteatro 8.1 foi o local escolhido para o evento, promovido pela revista "Dirigir", num encontro subordinado ao tema "Inovação Tecnológica e Desenvolvimento". A iniciativa contou com debates e exposição de ideias de várias individualidades ligadas a esta área. Uma outra finalidade da

Dirigir é, no entender dos responsáveis, "constituir-se como um veículo dinamizador de acções de debate e de reflexão sobre questões pertinentes e actuais". Desta forma os responsáveis pela revista vieram até à UBI promover a sua apresentação e também um debate sobre factores como o empreendedorismo no meio académico.

Carlos Cabrita foi o docente escolhido para dar as boas vindas aos responsáveis. Segundo este docente da UBI, "o progresso académico, pessoal e empresarial baseia-se em três factores fundamentais, a inovação, a tecnologia e o desenvolvimento". Condições que devem estar sempre presentes nos docentes, "de forma a que estes as possam transmitir aos alunos". Este tipo de actividades deveria ser mais frequente, reiteram os promotores.

breves

Reencontros de Filosofia

O auditório da Escola Secundária Quinta das Palmeiras mostrou-se pequeno para tantos participantes no dia da Filosofia, assinalado a 15 de Junho.

Tiago Pita e Cláudia Sousa foram os dois professores do secundário, responsáveis pela disciplina de Filosofia, que promoveram as actividades. Um trabalho que o responsável pelo Conselho Directivo, João Paulo Mineiro, não deixou de sublinhar. Este mesmo responsável saudou também uma novidade introduzida neste dia da Filosofia, "a participação de docentes universitários nas actividades lectivas das escolas secundárias".

Três docentes da UBI, do Departamento de Comunicação e Artes, estiveram presentes neste evento. Numa primeira mesa de trabalho participaram André Barata e Ana Leonor Santos, responsáveis por algumas cadeiras das licenciaturas em Ciências da Comunicação e Filosofia; numa outra palestra, foi a vez de Urbano Sidoncha avançar com a sua comunicação.

Ao longo de todo o dia, vários trabalhos dos alunos, peças de teatro recriando as teses mais marcantes da história da Filosofia e outros eventos semelhantes foram mostrados pelos alunos que formam o Grupo Disciplinar de Filosofia. Ainda assim, um dos mais marcantes pontos de todo este evento foi "a parceria criada entre a Universidade e as diferentes instituições escolares", referem os promotores do evento.

Emprego

Segundo o Gabinete de Saídas Profissionais da UBI, nesta instituição o número de ofertas de emprego, estágios profissionais e bolsas de estudo é superior à procura por parte dos recém-licenciados. Dados revelados pelo Gabinete de Estágios referentes ao ano de 2004 apontam para um total de 1895 propostas de empregadores para um universo de cerca de 500 alunos finalistas. Nos primeiros cinco meses de 2005 foram registadas 1533 ofertas de estágio.

Em declarações ao "Expresso Emprego", Rogério Palmeiro, responsável pelo Gabinete de Estágios adianta que "as ofertas de emprego são diversificadas e chegam de todo o país". Segundo Palmeiro, existem cursos com mais ofertas que outros, mas "há mais ofertas vindas da banca, empresas de consultoria e de contabilidade". O responsável acrescenta, no entanto, que "o 'timing' das empresas nem sempre coincide com o 'timing' dos alunos, o que acaba por condicionar as escolhas".